

## Nota n.º 50

Deambulando.

Eu por vezes fico a imaginar-me andando por este São Tomé e Príncipe fora sem destino. Suponham porventura, que eu começasse no sul e andando todo o comprimento de São Tomé, chegasse a cidade de São Tomé e por fim à minha casa, levando nisso largos dias.

Que sensação deliciosa, sinto-me a flutuar no ar.

É como me sinto agora ao escrever estas linhas. Nem sei por onde começar. Tomemos um dos muitos pontos ao acaso que eu quero tratar hoje.

Encontro-me em São Tomé e Príncipe há 150 dias. Que balanço fazer de todo este tempo? Que consegui fazer neste período? Nada de especial, muito embora me pareça que paulatinamente as pessoas têm tomado conhecimento do meu propósito.

Vou contar dois factos que me deram uma prova disso:

Um dia há cerca de 2 meses, ao entrar para um restaurante nos arredores, alguém se aproximou de mim todo sorridente e disse-me o seu nome que não me chamou especial atenção, afirmando-me que era primo meu e tinha gostado da minha intervenção feita na televisão. Eu agradeci-lhe.

A cada passo as pessoas me falam nas minhas intervenções o que me faz crer que elas percebem a mensagem que eu quero transmitir. De muitas outras formas, percebo que tenho conseguido transmitir paulatinamente alguma coisa.

Porventura alguma vez me passaria pela cabeça, que a RDP África se daria ao incómodo de falar das minhas notas? Não que isso me deslumbre, por que eu próprio não dou a isso tanta importância. Mas o que eu queria mesmo é que nestes dias todos, conseguisse uma coisa mais palpável para a concretização das minhas ideias.

Que daria eu, para que a Fundação Esperança pudesse concretizar-se? As minhas diligências junto das embaixadas, junto das Fundações brasileiras não deram em nada até hoje. Mas seja como for parece-me que os meus propósitos gradualmente se vão insinuando no espírito deste povo e espero melhores dias, certamente conseguirei fazer crer aos meus compatriotas que eu só quero o bem deles.

Hoje vamos falar da minha Michelete e das três candidatas a este lugar. Elas seriam a minha avó que já morreu há 60 anos, uma prima minha dois anos mais velha do que eu, que eu se renacesse gostaria que tivesse sido a minha mãe e uma terceira pessoa que eu não vos digo quem é. Estive com ela duas vezes e ao todo dez minutos se tanto.

Falemos um pouco delas:

Algumas pessoas que me têm feito o favor de ler as minhas notas, dizem-me que eu misturo biografia com a política e não sei que mais. Há até alguns que chegaram a sugerir-me a publicação destas simples notas. Digo-vos muito sinceramente que isso nunca me ocorreu e nem dou importância a isso.

Mas voltemos às minhas três candidatas.

Comecemos pela minha avó. A minha avó era a pessoa que tudo me perdoava se bem que eu não fosse dos piores, ela foi certamente a senhora, pois que eu nem me atrevo a tratá-la do outro modo, a velha mais querida da minha vida.

Tratavam-na por Senhora Grande. Era uma forma de respeito dos empregados do meu avô vindo de outras paragens.

Ela era grande sim, de coração. Ela era a mãe de toda gente sem excepção.

Não haveria melhor candidata para mãe de todos são-tomenses. Mas morreu há quase 60 anos.

A segunda candidata é uma prima minha, como disse dois anos mais velha do que eu. Esta, se eu pudesse renascer gostaria que ela fosse a minha terceira mãe, pois que a primeira é a que Deus me deu, que eu não trocava por nenhuma outra, a segunda era a minha professora, Dona Maria de Jesus senhora que eu considerava segunda mãe, que também já morreu, e por último esta minha prima com quem convivi na minha meninice e que eu respeito.

Uma pessoa humilde, meiga, sem pretensões e na sua humildade seria uma mãe magnífica para São Tomé e Príncipe, mas que nunca aceitaria, ela sabe que não pode sê-lo e como não é minimamente pretenciosa ela recusava-se.

Chegamos enfim à terceira candidata a minha, a nossa, Michelete.

Eu mal a conheço, por acaso temos laços de parentesco, mas de quem não sou eu primo efectivamente neste país ou neste mundo? Aliás sou primo de todo mundo e muito honrado por sê-lo da rainha de Inglaterra e de todos os grandes deste mundo. Desta eles não se livrarão. Por mais que lhes custe.

Como disse tenho andado perocupado com o futuro deste país. Até já sugeri nomes de pessoas que me pareceram mais capazes de restaurar a moralidade neste país.

Um dia destes ao acordar de manhã por volta das 4:30 ou 5 horas da manhã, faz-se-me luz. Aqui está ela, a minha, a nossa, Michelete.

Para as presidenciais falta mais ou menos um ano. Só posso dizer-vos que é uma pessoa de menos de 50 anos suponho eu, com formação superior que me deixou impressionado nesses 10 minutos que pude falar com ela. Daí que achasse que é ela a minha, a nossa, Michelete.

Eu estou absolutamente convencido que esta ideia nunca lhe havia passado pela cabeça. A única pessoa com quem confidenciei essa revelação é a minha mulher.

A seguir quero falar-vos da história do lobo vestido com a pele de cordeiro; quero referir-me a este grande africanista francês chamado Faucard, que era o patrão dos presidentes dos países que constituíam as antigas colónias da África-francesa, especialmente de alguns; do que disse o presidente Baguebau da Costa do Marfim, que se negou a participar na recente conferência de NICE.

Como é que se compreende que o presidente de um país independente neste caso a França, se julga com o direito de por duas vezes tentar derrubar um governo eleito democraticamente, neste caso a Costa de Marfim. O mesmo presidente da Costa do Marfim diz ainda assim "Como é que se justifica que a Costa de Marfim esteja pejada de grandes empresas francesas e não haja uma só, costamarfinense que se lhes compare". Aqui é Costa do Marfim ou França? Quero ainda falar de Herlinger que no livro de Gehard Seibert é referido como o rei de São Tomé e Príncipe e eu que o conheci digo que era o patrão de todos os são-tomenses, dos mais altos aos mais baixos, a excepção de mim, embora possa parecer petulância da minha parte.

Comecemos.

Quero falar-vos da história do lobo vestido com pele de cordeiro.

Passaram-se 50 anos sobre a independência das antigas colónias francesas.

Se eu bem entendi, tudo quanto se falou sobre isso, posso resumir a minha conclusão em poucas palavras. Foram 50 anos de exploração desenfreada e sem escrúpulos de África pela França.

Sob a capa de bons amigos e utilizando os meios necessários, a corrupção, o assassínio, o fomento de revoltas internas, tudo, tudo para apossar-se avidamente das riquezas de África. O mesmo aconteceu com os Estados Unidos de América e nestes 35 anos com Portugal, não nos enganemos a nós próprios. Todos os meios serviam mesmo os mais sórdidos.

Até 1960 época colonial, tudo servira, massacres, escravatura, tudo era legal e legítimo.

A vida dos povos de outros continentes não tinha importância. Uma das últimas provas disso foi o massacre de Argel em que morreram 45.000 argelinos ou 8.000 como dizem os franceses. Quero falar das repressões sangrentas e das atrocidades cometidas na Indochina e outros pontos do Globo.

Criaram a ONU para quê? Para mais disfarçadamente continuar a prática e obter os mesmos resultados empregando novos meios? Agora sobretudo que a intervenção em África, da China, da Índia, do Brasil e mesmo dos pequenos países se faz sentir, lá vem o meu primo Sarkozy todo choroso, só agora muito desejoso de ver progredir África, utilizar um palavreado que eu acho falso de querer desenvolver África. Que bondade, que sorte, nós somos agora felizes, ou vamos sê-lo daqui em diante. É tudo treta como dizem os sindicalistas africanos. É tudo a mesma história, o Kissinger de novo em acção, baralhem as cartas e dêem o mesmo. Continuamos a eludir-nos.

Os sindicalistas africanos que não quiseram participar ou não foram convidados têm razão, é também o que eu digo, não nos fiemos.

Mas será que os dirigentes africanos que não participaram e hoje não podem eximir-se a ser considerados corruptos, têm legitimidade para o fazer?

Suponhamos que como aconteceu em São Tomé e Príncipe ao que se diz, onde tive ocasião de lê-lo ou melhor ouvir lê-lo, estes governantes têm a idoneidade suficiente para

o povo poder acreditar num contrato que eles eventualmente possam firmar com os seus corruptores?

Fala-se em São Tomé e Príncipe que a companhia ERHC custeou os estudos de 5 ou 6 meninos filhos de ministros ou primeiros-ministros.

Um governo com tal gente oferece-me garantia suficiente para que eles possam assinar um contrato alguma vez com os seus corruptores?

Vou-vos contar um caso que para mim é sintomático.

Tive um amigo e colega de uma então colónia portuguesa que foi bolseiro de uma empresa colonial. Este então rapaz, tinha uma bolsa de uma certa importância em dólares. Ele teve-a durante os estudos que concluiu, manteve-a durante os anos de guerrilha, manteve-a pela vida fora e hoje ao que me parece ainda a mantém. Vocês acham que este homem serve para qualquer coisa? Este homem é completamente devotado ao seu bem feitor. E-lhe inteiramente dedicado. Ele venderia a mãe, a família, o país por isso.

É o mesmo que se passa a meu ver com os nossos governantes. Eu estou absolutamente convencido de que aqueles dos nossos ministros e primeiros-ministros que tiveram a sorte ou azar de beneficiar de bolsas, ficarão eternamente maculados, jamais eles me farão acreditar em qualquer coisa que eles assinarem, eles estarão eternamente agradecidos a ERHC por terem beneficiado de bolsas para os seus filhos e farão tudo para comprovar a sua gratidão. Vou mesmo ao ponto de dizer que todos os contratos que eles venham a assinar devem ser pura e simplesmente anulados, aliás não se admite nem se compreende que um governo demissionário, pois estamos no período pré-eleitoral, ouse assinar contratos com os seus corruptores, não sou eu que o digo, isso vem publicado num livro que correu mundo, toda a gente o sabe, não é invenção minha. A meu ver eles não têm legitimidade para o fazer e ao fazê-lo devem pagar por isso.

Que importa que as coisas se façam daqui a 4 meses e mesmo mais. O que importa é que se faça com a máxima clareza.

Agora vamos falar do grande Faucard, do grande africanista francês.

Vocês, sobretudo os mais novos já ouviram falar do Zé Mulato? Este comparado com o Faucard é comparar uma criança nascida hoje com o maior assassino. Ele foi ao serviço do seu país um grande patriota mas para África foi um desastre. Um homem sem nome, sem classificação possível, um carrasco.

Ele pode gabar-se de ser o patrão dos presidentes das ex-colónias francesas.

Ele punha e tirava presidentes ao seu belo prazer e conveniência. Indiquem-me um único presidente em quem ele não mandasse.

Eu estou convencido de que ele chegado a qualquer país africano, mal pusesse um pé em terra o facto seria comunicado ao presidente do país, para que este se pusesse de pé se estivesse sentado e aguardasse por ele. Pelo que eu me apercebi, naqueles tempos faziam-no todos especialmente o Bokassa o imperador, o Bongo, o Denis Sassugesso. Ele era o patrão. Os presidentes da França temiam-no.

Ele foi o criador da Total e era o dinheiro desta empresa que financiava toda estrutura de vigilância necessária para manter tal situação.

Agora é a vez do meu primo Herlinger.

Quem era o Herlinger? Um provavelmente homem abastado da RDA, que fugido provavelmente do seu país se fixara na África do Sul. Tinha negócios em Angola entre outras coisas uma companhia de aviação.

A dada altura entendeu estender os seus negócios à São Tomé e Príncipe.

Quando aqui cheguei nos primeiros dias de Março de 1988, toda a gente me falou logo nele, era o senhor, o dono do país. Ele era de uma relação exagerada a meu ver com os governantes. Uma coisa que me disseram logo, ou melhor deram a entender era que todos os sábados deveria mandar ao aeroporto chauffeur que me estava atribuído com alguém do meu gabinete, já que eu fora nomeado Ministro de Economia e Finanças e por este facto tinha direito a receber a minha ração pessoal semanal dada por Herlinger.

É que nesta altura se dizia de maneira jocosa, pois que há sempre detractores, que era o próprio Herlinger que distribuía a ração para a presidência, para o primeiro-ministro e para os ministros, como dizia eu, um desses enviados pelos ministros ou talvez outro, na sua ansiedade de bem servir o seu chefe, atreveu-se a pegar numa peça das ofertas sem o prévio consentimento do Herlinger, pelo que este lhe disse: “Aqui ninguém tira nada, quem dá é o Herlinger”. A frase ficou famosa e é repetida até hoje.

Mas continuemos.

Durante o tempo que estive aqui no país nunca me encontrei com ele directamente, via-o a distância.

Uma vez, eu sabedor de que ele estivera no meu ministério a tratar de um assunto que a mim não me lembra já, disse ao telefone ao meu primeiro-ministro a gozá-lo, que o Herlinger estivera no ministério, Este instintivamente me perguntou se eu o havia recebido, ao que eu respondi que não, pois que ele não tivera nada a tratar comigo.

O meu interlocutor achou que fora uma ofensa ao Herlinger, dizendo-me que devia tê-lo feito. Eu retorqui a gozá-lo dizendo-lhe que os meus chefes já o faziam com muita frequência.

Eu naqueles tempos estava persuadido de que o Herlinger achava que tinha o direito de ser recebido imediatamente por quem quer que fosse neste país.

Telefonava previamente a pessoa e esta incluindo o Presidente da República, o Primeiro-ministro, etc., não tenham vocês, nenhuma dúvida sobre isso, qualquer deles se apressava a dirigir-se a porta de entrada a espera que ele chegasse. Ele era o patrão, o intocável no bom sentido, era o que quero, o que posso e o que mando em São Tomé e Príncipe. Mas parece-me que havia uma única excepção, que era eu.

Como eu nunca fui de grandes comes e bebes e nem das coisas boas da vida, nunca dei importância às rações e nem ao Herlinger. Seria a excepção, talvez.

Proponho-me agora lançar um desafio aos assinantes do Forum.

Muito têm falado os governantes cabo-verdianos das remessas dos seus emigrados espalhados pelo mundo fora. Até me parece que se isso não acontecesse, Cabo Verde estaria em bem pior situação do que está hoje.

Ao que me parece estão em Portugal cerca de 10 000 são-tomenses e outros tantos em Angola. Hoje é comum falar-se em emigrados são-tomenes residentes em Londres. Para mim o são-tomense em qualquer parte do mundo que ele esteja, ele tem o dever inalienável de ajudar o seu país e o seu povo.

Pensei eu, porque não convidar os assinantes do Forum para constituirmos a Fundação Esperança como uma ONG, tendo o estatuto que junto em anexo # 1, aliás vocês próprios poderiam angariar apoios de fundações e organizações similares, que proliferam por este mundo fora e a que eu dificilmente tenho acesso.

Enviem-me pois, estatutos de organizações similares e ponham-me em contacto com elas, contribuamos todos para educação da nossa juventude, não me deixem só a mim este encargo. É um apelo que vos faço. De modo que os voluntários de São Tomé e Príncipe possam ter vida.

Eu estou certo de que se esta organização nascer, daqui por dois anos ela ganhará vida própria e será um bem inestimável para o futuro do país.

Se os assinantes do Forum que são 600 ao que me parece, contribuírem cada um com 20 euros durante um ano, a Organização Juvenil "Os voluntários de São Tomé e Príncipe" sobreviverá por si própria depois disso.

Peço-lhes que leiam tudo quanto disse até hoje nas minhas notas sobre os Voluntários de São Tomé e Príncipe e ponho-me a disposição de todos são-tomenses para os esclarecimentos que forem necessários.

Aceitam o desafio? Ou têm medo que lhes roube!

## **Anexo # 1- Estatutos da Fundação Esperança**

FUNDAÇÃO ESPERANÇA  
CAIXA POSTAL N.º 693  
SÃO TOMÉ

### **ESTATUTOS**

#### **Capítulo I**

#### **(Constituição, denominação, sede e fins)**

##### **Artigo 1.º**

É constituída a pessoa colectiva e jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de duração indeterminada denominada **Fundação Esperança**, adiante designada Fundação, instituída pelo cidadão Teotónio Ângelo D'Alva Torres, economista, natural e residente na cidade de São Tomé, seu promotor que se regerá pelo presente estatutos e em tudo o que neles for omissos, pela legislação aplicável.

##### **Artigo 2.º**

A Fundação tem a sua sede na Cidade de São Tomé, com actuação em todo o território nacional.

##### **Artigo 3.º**

É objectivo da Fundação

1. Promover e participar em acções visando a preservação, a recuperação da educação cívica, política e cultural dos São-tomenses, no combate à corrupção, na prevenção de instabilidades e na luta pelo desenvolvimento e salvaguarda das gerações futuras e na defesa dos interesses e recursos económicos e culturais do país, e afins.
2. Participar na luta contra a pobreza, na defesa do ser humano, na erradicação do analfabetismo, obscurantismo e na luta contra exclusão social;
3. Elaborar e executar projectos, obras e acções de mobilização de jovens e participação em acções de voluntariado e civismo;
4. Promover a divulgação e incentivar o aperfeiçoamento da legislação de gestão dos recursos, apoiar pesquisas técnicas e científicas, visando à recuperação e conservação do património económico, social e cultural do país;

#### **Capítulo II**

#### **Regime patrimonial e financeiro**

##### **Artigo 4.º**

O património da fundação é constituído por:

1. Contribuições ou subsídios de entidades públicas ou privadas, particulares, nacionais ou estrangeiras,
2. Rendimentos dos seus bens próprios ou aplicados

3. Todos o bens móveis e imóveis adquiridos pela fundação com o rendimento dos respectivos bens próprios ou que lhe advenham por qualquer outro título, nomeadamente, em consequência de prestação de serviços à comunidade.

### **Artigo 5.º**

No exercício da sua actividade a Fundação poderá:

1. Aceitar doações, heranças, ou legados.
2. Adquirir bens móveis ou imóveis necessários à persecução dos seus fins.
3. Negociar e contratar empréstimos bem como conceder garantias nos termos estabelecidos na lei.
4. A Fundação poderá alienar, e onerar bens.

## **Capítulo III Organização e funcionamento**

### **Artigo 6.º**

São órgãos da Fundação

1. Conselho Geral
2. Conselho de Administração
3. Fiscal Único

### **Artigo 7.º**

1. O Conselho Geral é constituído por sete indivíduos, o Promotor, cinco individualidades escolhidas discricionariamente pelo mesmo, cuja honorabilidade esteja acima de qualquer dúvida, duas das quais serão integrantes do povo. Completará o conselho o Administrador Geral.
2. O mandato dos membros do Conselho Geral é de quatro anos sucessivamente renovável salvo revogação ou renúncia, exceptuando o Promotor e o Administrador Geral.
3. As funções dos membros do Conselho Geral não serão remunerados, salvo o cargo de Administrador Geral podendo ser-lhes atribuídas ajudas de custo.

### **Artigo 8.º Competências**

1. O Conselho Geral reúne anualmente até fins de Abril para apreciação, discussão e votação das contas do exercício anterior e da proposta de aplicação de resultados, bem como do orçamento e do plano de actividades, apresentados pelo Conselho de Administração.
2. Reunirá ainda sempre que convocado por, quatro dos seus membros, ou a pedido do Conselho de Administração, ou do Fiscal Único.
3. Ao Conselho Geral competirá ainda emitir pareceres sobre as actividades e projectos da Fundação, bem como apresentar sugestões e fazer recomendações a futuras actividades da Fundação
4. Compete ao Administrador Geral presidir o Conselho de Administração.

## **Artigo 9.º** **Conselho de administração**

O conselho é formado por três membros: Administrador Geral e dois administradores adjuntos indicados pelo Promotor

## **Artigo 10.º**

Ao Administrador Geral compete em especial administrar a Assistência Social e a Secretaria Geral.

1. Um dos Administradores superintenderá a área dos Voluntários. O outro a Rádio Televisão e Academia de Línguas
2. A Secretaria coordenará todos os departamentos inclusive a tesouraria.

Compete ao Conselho de administração, em geral, administrar a Fundação e em especial:

1. Definir a organização interna da Fundação
2. Administrar e dispor do património da Fundação, cabendo-lhe deliberar sobre a aquisição, alienação e oneração dos bens móveis e imóveis, o seu arrendamento ou aluguer em ordem à realização dos fins desta.
3. Preparar e submeter à aprovação do Conselho Geral o orçamento e plano de actividades anuais da Fundação.
4. Avaliar e aprovar propostas de actividades ou de projectos nas diversas áreas de actuação de harmonia com os fins e interesses da Fundação.
5. Representar a Fundação quer em juízo quer perante terceiros, em quaisquer actos ou contratos.
6. Contratar, dirigir e despedir pessoal da Fundação de acordo com a legislação laboral.
7. Instituir e manter um sistema interno de controlo contabilístico incluindo livros e registos.
8. Preparar e submeter á aprovação do Conselho Geral, o relatório anual, o balanço e as contas de cada exercício, bem como o parecer do Fiscal Único.
9. Elaborar os regulamentos internos relativos a cada uma das áreas de actuação da Fundação.

## **Artigo 11.º**

1. A Fundação fica obrigada a qualquer actos ou contratos pela assinatura conjunta do Administrador Geral e do Secretário.
2. Para actos de mero expediente basta a assinatura do Administrador Geral ou por delegação deste o Administrador que o substituir.

## **Artigo 12.º**

A fiscalização da Fundação competirá a um Fiscal único, revisor oficial de contas e estranho à Fundação, designado pelo Conselho Geral por um período de três anos, cuja competência, atribuições e deveres serão estabelecidos por lei.

## **Capítulo IV**

### **Extinção da Fundação**

#### **Artigo 13.º**

1. Em caso de extinção da Fundação as pessoas que á data forem titulares do Conselho de Administração ficarão a constituir a respectiva comissão liquidatária a qual actuará nos termos estabelecidos na legislação aplicável.
2. Em caso de extinção o produto da venda dos bens reverterá, de forma igualitária a favor de todas as fundações similares.

**Fundação Esperança**  
Caixa Postal n.º 693  
S.Tomé

Exmo. Senhor  
Presidente da Fundação  
Leonel Brizola  
Rio de Janeiro

Brasil

Escrevo a V.Excia para lhe pedir a colaboração da sua Fundação para a concretização do meu projecto.

Porquê uma Fundação no Brasil? Desde pequeno sempre em minha casa se falou do Brasil. A minha avó orgulhosa dos seus ascendentes vindos do Brasil. Eu desde pequeno, assíduo leitor de escritores brasileiros, José de Alencár, Machado de Assis que para espanto meu era negro, considerado o mais vernáculo escritor brasileiro, pois tinha uma linguagem mais próxima do português, o grande Jorge Amado, o Padre António Viera e tantos outros; das figuras como o Rei Pélé orgulho de todos os africanos Gilberto Gil grande intelectual, cantor e ex-ministro da Cultura do Brasil; lembra-me ainda das minhas leituras da juventude sobre o Brasil, que com espanto li, que um preto brasileiro conseguiu de simples escravo elevar-se ao comando de tropas negras a general, tendo o mesmo se distinguido pela sua bravura na batalha de Guararapes.

E hoje que muito se fala da acção do Brasil no Golfo da Guiné ao ponto de se prever fazer uma homenagem especial ao Presidente Lula da Silva. Mas o que mais me entusiasma é a desenvoltura e a arrogância do meu primo Lula da Silva. Primo unicamente porque descendemos de Adão e Eva e o sem preconceitos, Charles Darwin diz termos todos a mesma origem. Estou mesmo a ver a cara de Gordon Brown, Sarcozy, do Sílvio Berlusconi, quando o meu primo Lula da Silva dá um murro em cima da mesa e diz: o Brasil está aqui, vocês já não farão o que quiserem. Nós os brasileiros, portanto o Brasil, a Índia e a China já não permitiremos que suponham que isto é da Joana. O senhor dirá, certamente, este é um louco. Aliás, há um ditado que diz” que de médico e louco, todos temos um pouco”.

Quem sou eu afinal? Chamo-me Teotónio Ângelo d’Alva Torres. Aos 26 anos comecei os estudos liceais. Depois de muita luta e muito sacrifício fiz a licenciatura em Economia na Faculdade de Economia de Lisboa. Trabalhei em vários serviços Públicos quer em S.Tomé e Príncipe quer em Angola. Fui Secretário de Estado e Ministro de Economia e Finanças em S.Tomé, trabalhei como assessor do Ministro de Comércio em Angola onde exerci vários cargos de chefia. Fui Presidente da Administração de um banco e Administrador de outro. Corri o Mundo. Estive em serviço na China, nos Estados Unidos, Rússia, Brasil, etc, conheço a África Central pois trabalhei três anos como Agent Comptable da CEAC, Comunidade dos Estados da África Central. Mas acima de tudo considero-me um homem sério, um homem digno e desafio quem quer que seja a dizer o contrário. Informe-se, Senhor Presidente junto da Embaixada do Brasil em STP, se quiser de quem eu sou.

Cheguei a S. Tomé no dia 9 de Janeiro onde estive a aguardar que a minha mulher atingisse a idade de reforma pois não conseguimos juntar nada que garantisse o seu futuro depois da minha morte.

De a vários anos para cá que venho pensando, reflectindo como eu gostaria de ver o meu país. Pus essas reflexões nas folhas que junto, mas encontrei em S. Tomé coisas bem piores que eu imaginava. Uma imoralidade total. A juventude sem um propósito, perdida, desanimada, sem rumo. Pergunto a mim mesmo o que se poderá fazer. Ao menos tentemos. Não fazer nada é criminoso. Cada um de nós, deve dar o melhor de si mesmo, para que as coisas melhorem.

Para mim o fundamental é educar a juventude. Criar um homem novo e nisso estou todo empenhado e venho pedir a sua ajuda. Mais do que dinheiro, preciso do apoio da sua Fundação e se possível uma parceria para consecução do meu ideal. Que tal conseguir do Brasil a formação de mil técnicos nos próximos dez anos. Eles serão certamente mil são-tomenses brasileiros. Serão certamente a projecção do Brasil no Golfo. Ganhará S.Tomé e também o Brasil. Outras pequenas ajudas como livros, computadores, material de transporte que permita o contacto com a juventude dos diferentes distritos. A mim parece-me que a colaboração pode ser frutuosa para as duas partes.

Pretende-se fundamentalmente constituir uma Fundação denominada **Fundação Esperança** a qual abarcaria quatro áreas: uma organização juvenil, **Voluntários de S. Tomé e Príncipe**, que compreenderia todos os jovens são-tomenses dos 10 aos 35 anos; uma Rádio e Televisão denominada **RTV União**, cuja finalidade principal seria a de instruir a população cívica e culturalmente; uma academia de línguas denominada **Academia de Línguas Michel Obama** em homenagem ao casal Obama, para o ensino das línguas inglesa, espanhola, eventualmente francesa; uma área de **Assistência Social** com o propósito de acudir os velhos, os doentes, as crianças, sobretudo as desamparadas e também as grávidas pois estas trazem no seu seio os futuros voluntários. Haveria também serviços administrativos que geririam toda a estrutura.

A Fundação Esperança teria um Conselho Geral tendo a presidi-la o seu Promotor, cinco membros escolhidos, entre os melhores saõ-tomenses dois dos quais saídos do povo e um Administrador Geral. Só este último teria uma remuneração pelos serviços prestados. Todos os outros membros do Conselho não receberiam qualquer remuneração. O Administrador Geral dirigiria o conselho de administração e toda a estrutura seria coadjuvada pelo Promotor a quem caberia sempre a última palavra. Poderiam ser admitidos desde já os seguintes funcionários; um administrador geral, um coordenador da rádio e televisão e da academia de línguas, um mestre, uma coordenadora geral, uma secretária administrativa, um jurista, um contabilista, um radialista, uma professora de língua inglesa, uma assistente social, um assistente, um chauffeur, um contínuo. Para além disso havia necessidade do aluguer de um edifício com pelo menos cinco quartos. Haveria ainda despesas com o expediente, combustível, higiene, telefone.

Este pessoal seria para estudar o funcionamento da fundação e seus órgãos, estabelecer regulamentos necessários ao seu funcionamento.

Juntamos o orçamento provável, e esperamos que V. Excia possa contribuir para o arranque e funcionamento sustentável da Fundação Esperança.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer antecipadamente todo o acolhimento favorável e pomonos a disposição de V. Excia para qualquer esclarecimento adicional.

Junto em anexo as minhas reflexões.

S.Tomé, 19 de Março de 2010

Sempre ao dispor

Teotónio Torres  
Economista

**ANEXO**  
**Orçamento**  
Remunerações em dólares

<b>Designação</b>	<b>Mês</b>	<b>Ano</b>
Administrador Geral	1.000	12.000
Coordenadora da Rádio/Televisão e Academia de línguas	1.000	12.000
Mestre	600	7.200
Coordenador Geral	600	7.200
Secretaria Administrativa	500	6.000
Jurista	Vago	Vago
Contabilista	Vago	Vago
Radialista	600	7.200
Professora de língua inglesa	600	7.200
Assistente Social	600	7.200
Assistente	250	3.000
Chauffeur	250	3.000
Contínua	250	3.000
Renda de casa	300	3.600
Luz, água, telefone, expediente	300	3.600
Total	6.850	82.200

## Nota n.º 51

Hoje 9 de Junho de 2010, ouvi na rádio nacional de São Tomé e Príncipe que os dirigentes dos quatro maiores partidos de São Tomé e Príncipe, falaram a Dutch-Vela Rádio da Alemanha e em simultâneo à Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe, sobre os seus programas de governo. Tanto o ADI como o MDFM-PL falaram sobre o seu propósito de eliminar a corrupção e ter uma governação sadia, ao passo que o MLSTP-PSD e PCD-GR não falaram sobre a eliminação da corrupção mas sim limitaram-se a falar da boa governação, estabilidade do governo, etc, etc.

Será que aos dois últimos partidos a que eu me refiro não lhes interessa a eliminação da corrupção? O lapso deveu-se certamente a um esquecimento.

Acho que já falei o suficiente nas minhas notas 47 e 49, sobre como eu gostaria de ver o meu país após as próximas eleições autárquicas, regionais, legislativas e também as presidenciais.

Vejam por favor as minhas notas n.º 47 e 49.

Se eu bem entendi, estou absolutamente convencido que nenhum dos quatro principais partidos conseguirá a maioria suficiente para governar. Ou terão de fazer coligações de dois ou três partidos ou continuaremos a assistir a governos de pouca duração, o que é mau para o país.

Se é assim por que não aproveitar a ideia de formar um governo de União Nacional?

Há dirigentes que já estão referenciados como corrompidos, que eles próprios deviam desistir da política, deviam deixar de ser dirigentes principais dos seus partidos para dar alguma credibilidade a esses partidos.

Toda a gente em São Tomé e Príncipe sabe a quem me refiro. E eles próprios sabem-no e só não deixam de exercer essas funções com o receio de que isso confirme o que de facto são.

Mas será que em São Tomé e Príncipe não há lugares compatíveis com as suas outras qualidades?

Há dias propuseram-me fazer uma palestra sobre: **A Necessidade de Criação de um Sector Privado Nacional**, forte, tão necessário ao desenvolvimento do país.

Alguém, pessoa minha amiga me sugeriu, porque eu vejo muito mal, que fizesse previamente uma espécie de rascunho do que eu pretendia dizer e o decorasse ou melhor talvez que procuraria fixar de modo a que eu pudesse dizer o mesmo na tal palestra. Pus-me a rir às gargalhadas, é que me pareceu que a pessoa queria chamar a minha atenção para a linguagem talvez excessiva que utilizei numa palestra aos comerciantes.

Por acaso pretendo fazer uma dezena ou mais de CDs com o conteúdo dessa palestra para que muita gente, embora fosse proferida aos comerciantes, a oiça. Pois que ao dirigir-me aos comerciantes fi-lo como se me dirigisse a todo o povo de São Tomé e Príncipe. "Fala ça pingada". O mesmo dizem os judeus, que a palavra fere e por vezes mata. É certo que a minha intenção não é matar os são-tomenes, longe de mim tal ideia, eu o que quero é

despertá-los, quero que eles percebam que tudo o que faço é para o seu bem, para o bem estar de todo o povo.

Como eu gostaria que por um milagre divino, eu pudesse dispôr de um cavalo marinho com o qual descarregaria uma monumental chibatada no lombo de cada homem são-tomense e também fazer o mesmo nas bundas de todas as mulheres deste país, para ver se acordavam. Estou a ver a cara delas rubras de cólera querendo dizer, atrevido, quem é que ele julga que é, machista, desavergonhado, bruto, e eu a rir-me perdidamente e tal como eu costumo fazer quando estou satisfeito; espalmo a mão esquerda, fecho o punho direito e dou ao de leve umas punhadas na mão esquerda dizendo: bem feita, bem feita, a gozá-las.

Claro que digo isso em desespero de causa. É que já não sei como fazer. É brutal mas talvez seja eficaz. São coisas que ocorrem à mente de um velho maluco e desesperado.

Mas que dirão essas notas que ele acha tão importante?

Eureka, Eureka, sempre consegui, até que enfim despertei a curiosidade delas. Uf! Uf!

Quero contar-vos o que aconteceu na altura em que se criou o BISTP.

Eu e a minha mulher naqueles dias trágicos de fins de Setembro de 1992, quando o MPLA decidiu expulsar a Unita de Luanda, fôramos avisados do facto dias antes. Foi uma carnificina. Durante cerca de uma semana um cadáver permaneceu a 30 metros da nossa porta. Choviam balas por todos os lados, a rádio noticiava assaltos, mortes, era o pandemónio, era uma loucura.

Os luandenses estavam loucos, matavam-se como animais. Eu já não queria viver num país daqueles, decidi portanto regressar ao meu país.

Em Dezembro vim oferecer os meus serviços às autoridades e me foi oferecido o lugar de Presidente de Conselho de Administração do BISTP. O banco começaria a funcionar em Março. Em Dezembro de 1992, disseram-me que nessa altura negociava com o governo um rapazinho, filho de família, petulante, dizia-se mesmo tão atrevido que ele ousava parar o Ministro das Finanças de então na Marginal sempre que ele o entendesse. Os termos que usavam deram-me a entender que ele tinha o Ministro das Finanças às suas ordens. Eu nem acreditei que fosse possível.

Cheguei a São Tomé e Príncipe em 12 de Março de 1993 para tomar posse do lugar de Presidente do Conselho de Administração do BISTP.

Chegado ao fim do exercício de 1993, eu já era na altura Presidente do Conselho de Administração, recebi o relatório, balanço e contas do ano de 1993 e o recado de que teria lugar a Assembleia Geral no Banco de São Tomé e Príncipe, uma data qualquer de Fevereiro e que nessa altura chegaria a delegação do Banco TOTTA nosso associado. Eu nem acreditei no que me diziam e perguntei logo quem é que tinha marcado a Assembleia para essa data? A quem competia marcá-la, São Tomé e Príncipe ou ao Banco TOTTA? Que eu como o Presidente do Conselho de Administração do Banco não tinha assinado o balanço e sem isso nenhuma reunião da Assembleia poderia ter lugar. Era o Banco TOTTA a pôr o Presidente do Conselho de Administração do BISTP em cheque, dando a

entender com isso que eram eles que mandavam no Presidente do Conselho de Administração. Nem usavam a hipocrisia neste caso.

Eu não admito abusos de ninguém, daí que eu mandasse dizer pela mesma pessoa que enquanto não fizessem a rectificação do balanço no qual não vinham deduzidas as amortizações, eu não presidiria a nenhuma Assembleia Geral portanto a delegação do TOTTA que entretanto chegara a São Tomé e Príncipe devia regressar à Portugal e vir na altura devida.

Era uma bomba! Como é que um preto se atrevia a tanto!

Devia ser escolhido um Presidente de Conselho de Administração mais maleável. Isto aconteceu de seguida pelo que fui substituído. Como vêem não morri e são passados hoje 17 anos e sobrevivi e aqui estou para fazer novas diabruras e ter novos atrevimentos.

Mas isso seria possível hoje? Creio que não.

Segundo me dizem e desde já quero dizer que pareceu-me ter ouvido a notícia na TVS (Televisão são-tomense) ou na RNSTP (Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe), que a posição predominante de S. Tomé e Príncipe no BISTP(51%), passou a ser minoritária com 48% e a Caixa Geral de Depósitos que de algum tempo a essa parte passou a ser sócia do BISTP com (52%).

O nosso Primeiro-ministro sabe o que isso significa, sobretudo por se tratar de uma empresa estratégica que tem uma influência fundamental na economia do país? Porque se soubesse e fosse patriota, jamais permitiria que interesses estrangeiros se sobrepusessem ao interesse nacional, pois que, a partir de agora São Tomé e Príncipe está a mercê da Caixa Geral de Depósitos de Portugal. É ela que a partir de agora vai ditar as regras, muito embora à sucapa já o fizesse através de um funcionário superior nosso e dela simultaneamente, e também através de um Presidente de Conselho de Administração maleável.

Como vêem é preciso muita cautela, pois que até pode parecer um caso de corrupção.

Voltarei

## NOTA N.º 52

De algum tempo a esta parte tenho pensado em falar sobre a “CPLP”, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Nem sei como começar.

A Grécia antiga conquistou e geriu em certa medida em seu proveito, grande parte do Mediterrâneo Oriental. O mesmo fez Roma nos seus tempos áureos. Conquistou o Egípto, todo o norte de África, conquistou a Península Ibérica, estendeu-se pela Gália fora, à Bretanha e à quase toda a extensão da actual Inglaterra até à Escócia. A Grécia é isso que nós vemos hoje, um país arruinado à beira da falência. Da Roma Imperial resta só a Itália.

Formaram-se outros países, o Portugal moderno resulta daqueles tempos da guerra promovida contra Viriato, Pelágio, Afonso Henriques, Sancho I, Afonso II, Sancho II Afonso III, D. Dinis, Afonso IV, D. Fernando e acabamos a primeira dinastia. Começamos a segunda dinastia com D. João I de Boa Memória e D. Nuno Álvares Pereira o Contestável. É aqui que começa verdadeiramente a aventura Portuguesa pelo mundo fora. Nasce de D. João I e de sua mulher D. Filipa de Lencastre, princesa Inglesa, 5 filhos que constituem a ínclita geração. Só vou falar de dois deles pois que dos outros nunca tive qualquer conhecimento. Os dois mais ilustres são D. Duarte o rei seguinte e o grande D. Henrique o iniciador das descobertas instalado em Sagres.

Começa a aventura cerca de 1400 anos D.C. O nosso homem propõe-se descobrir as terras que possam existir para além do Atlântico. Seguiram-se as grandes descobertas nesse século. De 1400 a 1500, dobrou-se o Cabo Bojador, os Portugueses chegaram ao Congo, dobraram o Cabo da Boa Esperança e atingiram a Índia. No lado ocidental do Atlântico descobriram o Brasil.

Os reis Afonso V “o Africano”, D. João II “o príncipe Perfeito”, D. Manuel I, “o Venturoso”, D. Sebastião “o Desejado”, o Cardeal D. Henrique constituíram a segunda dinastia, mas Portugal está arruinado apesar das imensas riquezas que adquiriu. Perde a independência. Malbaratou a fabulosa riqueza adquirida como o ouro e diamantes do Brasil, especiarias e tudo o mais que trouxeram da Índia.

De 1580 a 1640, Portugal é uma província de Espanha governada pelos três Filipes. Começa em 1640 a IV dinastia, com D. João IV, “Duque de Bragança”, o “Restaurador”. Seguem-se lhe Afonso VI, Pedro II, D. José I e o seu grande Marquês de Pombal, o afro português como se diria hoje, o reconstrutor de Lisboa depois do terramoto de 1755, que destruiu Lisboa.

Aquele atrevido decerto filho de uma angolana que mandou dizer pelo Embaixador de Espanha a seu Rei, que um homem mesmo morto em sua casa necessita de 4 indivíduos para o tirarem dela. Aquele afro português seguro de si que disse ante os horrores do terramoto, que restava aos que ficaram “enterrar os mortos e cuidar dos vivos”, e fê-lo. Com a sua Sala de Risco traçou a baixa pombalina de Lisboa. Mas, coitado dele porque mandasse enforcar os Távoras por conspirarem contra o Rei, D. Maria I não o perdoou e para vingar-se dele determinou em édito real que o Marquês de Pombal deveria sempre ficar, enquanto vivesse, a 25 léguas da corte. Coitado do Marquês! Até parece que a senhora sentia a essa distância o futuro do homem. Será?

Seguem-se as invasões francesas, a independência do Brasil e a República. Entretanto, o em 1885 ocorrera em Berlim a Conferência da partilha de África.

Portugal está de novo arruinado. E as colónias quase abandonadas, entregues aos interesses estrangeiros.

Inglaterra, França, Portugal, Alemanha e Bélgica, cada um ficou com o seu bocado. Portugal sem capacidade para gerir a sua parte, entregou-a à administração estrangeira. Tinha um governo nominal mas toda a riqueza é entregue a estrangeiros. Portugal participou na 1.<sup>a</sup> guerra mundial de 1914 a 1918. Em 1928 começou o Estado Novo com o Professor Dr. Oliveira Salazar.

De 1929 a 1933 houve a Grande Depressão com todas as suas consequências. Seguiu-se-lhe a segunda guerra mundial de 1939-1945 na qual Portugal não participou devido ao jogo duplo do finório do Salazar. Com a derrota da Europa sobretudo da França em 1940 o General De Gaulle pediu o apoio da África francesa para restaurar a independência da mãe Pátria “França”. É a partir daqui que as colónias da África e do Oriente começam a almejar pela sua independência. Em 1949 realiza-se em Bandung uma conferência, a conferência de Bandung que tem repercussões extraordinárias em todo o mundo. Nela participaram em representação de África, Kwame Nkrumah da Costa do Ouro, mais tarde Presidente do Gana e Gamal el Nasser do Egipto; Shu-en-lai pela China comunista, Nehru pela Índia e o Presidente Sukarno da Indonésia, que decidiram dar o apoio necessário para a independência de toda a Ásia e da África.

Em 1958 Gana a antiga Costa do Ouro tornou-se independente da Inglaterra. Seguiram-se-lhe as outras colónias inglesas de África.

Em 1960 foi a vez das colónias francesas, do Congo Belga com as suas enormes tragédias humanas.

Começou a guerra na Guiné-Bissau em 1960 e o saloio do Salazar, ou melhor o ingénuo de Salazar, diz com essa arrogância típica de Camões, “para África em força”.

À guerra da Guiné segue-se a da Angola em 1961 e por fim em 1963 a de Moçambique. Nestas três frentes Portugal vai afundar-se.

Em 1968 morre Salazar e o país fica órfão do seu ditador. Que poderá fazer o pobre do Marcelo Caetano? Sobretudo se tem a dirigi-lo o mais pobre de espírito o Almirante Américo Tomás. Portugal está entregue à bicharada Vai perder necessariamente. Esforço inglório.

Em Setembro de 1973 o PAIGC poucos anos volvidos sobre o assassinato pelos portugueses de Amílcar Cabral declara a Guiné-Bissau país independente que é reconhecido por 80 países imediatamente. Segue-se a derrota em Moçambique sob o comando de Samora Machel.

Os militares portugueses reconhecem a derrota em 25 de Abril de 1974 com a Revolução dos Cravos apoderando-se do poder. É o reinado do capitão Vasco Lourenço, Melo Antunes, Contra-Almirante Rosa Coutinho, Spínola e outros. Está consumada a perda das colónias. Importa agora continuar a pilhagem. Surgem as amizades, a língua comum, os apadrinhamentos, a intermediação, o suborno e outros, como recomenda Kissinger, para manter a exploração mesmo indirecta.

É esta segundo me lembro dos meus tempos de menino a história de Portugal até aos nossos dias.

Que teria acontecido aos outros países da Europa de 1400 até à actualidade?

A Inglaterra conquistou parte do Canadá, apoderou-se da parte restante mais tarde pertencente à França, conquistou toda a América do norte até ao México ficando com a parte espanhola, apoderou-se do Egipto na ânsia de fazer a ligação Cairo, Cabo da Boa Esperança, conquistou grande parte de África, expulsou os alemães da Namíbia e os holandeses da África do Sul, apoderou-se de grande parte da África oriental Tanganica, Quênia, chegou à Índia, Paquistão, etc., conquistou a Austrália e a Nova Zelândia, formando o maior império jamais existente. A Inglaterra era a dona o mundo. Mandava e desmandava.

A rivalidade entre a Inglaterra e a França, levou à independência da grande colónia inglesa na América do norte que passou a constituir os Estados Unidos. Gradualmente a Grã-Bretanha foi perdendo a sua importância até chegar ao que é hoje.

De nada lhe serviu a criação da Comunidade Britânica. Os diversos povos que a constituíam são hoje países independentes e até por vezes mais importantes que ela. O mesmo aconteceu à França que embora se tenha difundido pelo mundo fora está reduzida praticamente ao continente europeu e luta com unhas e dentes por manter sob seu domínio as suas ex-colónias de África sob vários subterfúgios, cujo exemplo mais recente foi a conferência França–África de Maio de 2010. Como vêm isto de comunidades são uma treta. Uma forma ardilosa segundo Kissinger de enganar os papalvos.

Sobre comunidades estamos falados. Para mim não têm valor nenhum.

Há dias ouvi o presidente da Associação Industrial Portuguesa dizer que em Julho, em Luanda ele ia passar a sua presidência da Confederação das Indústrias dos PALOP ao seu homólogo angolano pois que, convinha que tanto a presidência rotativa política dos PALOP e a presidência da Confederação das Indústrias coincidissem. Pus-me a rir. Então o nosso amigo imagina que algum dia o Presidente da Associação Industrial de S. Tomé, que não existe, teria a veleidade de pensar em presidir uma Confederação Industrial dos PALOP? Ele é louco, coitado. Alguma vez o Brasil que tem uma industria mil vezes superior a de Portugal permitiria que a AIP portuguesa lhe desse ordens. O Brasil que se propõe segundo afirma o ministro das Finanças brasileiro a financiar a União Europeia para que esta possa manter o nível de comercialização entre o seu país e a União Europeia é país para estar integrado na CPLP? Claro que o presidente da AIP não é ingénuo, ele está a ver se apanha na rede os papalvos, aqueles que possam ainda acreditar que Portugal tem alguma possibilidade económica, que, um país que está na pré-falência e que até agora só não atingiu a situação da Grécia porque especuladores se contentam, por agora, com a garantia do fundo do financiamento de 750 mil milhões de Euros criados pela União Europeia.

Meus caros, pelo menos uma vez sejamos honestos.

Muitas vezes eu ponho em dúvida a minha sanidade mental. Eu oiço o meu primo Sócrates, o Professor Cavaco e Silva, Passos Coelho do PSD, o meu amigo Paulo Portas do CDS, aquele carrancudo do bloco de esquerda, o Secretário Geral do partido comunista, todos são unânimes em confirmar as dificuldades enormes da economia portuguesa, até

alguns na União Europeia duvidam que Portugal, Espanha, Itália e a Hungria possam vir a encontrar-se na mesma situação da Grécia. Mas, mesmo assim o meu primo Armando Guebuza de Moçambique vai buscar financiamentos para o Banco de Investimentos e ainda por cima, da Caixa Geral de Depósitos, Banco do Estado. Será que Portugal desistiu de desenvolver-se? Talvez; só assim é que eu compreendo. Mas será que com a passagem para segundo plano das economias europeias e a ascensão fulgurante do Brasil, da Índia e da China, Portugal terá chance de se desenvolver algum dia à custa das suas antigas colónias? Não creio.

O tempo o dirá. Vocês terão ocasião de verificá-lo nos próximos vinte anos.

## NOTA N.º 53

Fui convidado a proferir uma palestra sobre “o interesse da criação de um sector privado nacional”, isto é constituído só por santomenses, como condição para o desenvolvimento de S. Tomé e Príncipe.

Eu acho que os temas abordados interessam aos santomenses; e porque não pude gravá-la, de modo a que todos pudessem ter acesso a ela, proponho-me tentar reconstituí-la para vocês.

Os pontos abordados foram os seguintes:

1. África de 1400 DC à 1885 DC
2. Descoberta de África até à Índia
3. Transferência de milhões de africanos de África para o continente americano (norte e sul).
4. Dobragem do Cabo de Boa Esperança.
5. Chegada à Índia cerca de 1500 DC.
6. Ocupação de África pelos ingleses, franceses, alemães, holandeses, belgas e portugueses.
7. Conferência de Berlim de 1885. Partilha de África.
8. A segunda guerra mundial. Derrota da França. Apelo de Charles de Gaulle em Londres a 18 de Junho. França livre.
9. A vitória aliada de 1945.
10. A conferência de Bandung de 1949. Nkrumah, Nasser, Chu-en-Lai, Nehru Sukarno.
11. Jomo Kenyatta e os Mau Mau
12. Independência da Costa do Ouro. Gana 1958.
13. Independência de outras colónias inglesas.
14. Independência em 1960 das colónias francesas.
15. Independência das colónias portuguesas em 1975.
16. 25ª conferência da França-África de 25 de Maio de 2010. Sarkozy e a sua nova política.
17. As declarações do Presidente no seu regresso de França.
18. O comunismo e a democracia liberal.
19. Os sete tigres da Ásia. Os países emergentes: China, Índia, Brasil
20. Actividade privada: estrangeira ou nacional?
21. Leitura das notas n.ºs 1 e 2.
22. Explicação do quadro.
23. Formação de pessoal e financiamento.

As descobertas começaram cerca de 1400 DC, após a derrota dos espanhóis na batalha de Aljubarrota, em 1385 sob o comandado do príncipe bastardo D. João filho de D. Fernando e pelo condestável D. Nuno Álvares Pereira.

D. João I designado rei de Portugal, casou-se com a princesa Dona Filipa de Lencastre, filha dos duques de Lencastre da Inglaterra. Deste casamento nasceram cinco príncipes e princesas, a ínclita geração, que se distinguiram pela sua excelente educação. Destes os mais célebres foram D. Duarte, o herdeiro do trono e seu irmão D. Henrique o iniciador das descobertas feitas por Portugal.

Nos cem anos seguintes os portugueses dobraram o Cabo Bojador, chegaram à foz do rio Congo, custearam Benguela, o Cabo da Boa Esperança, Kíloa, Mombaça e atingiram a Índia.

Em 1500 os portugueses atravessaram o Atlântico e chegaram ao Brasil. Entretanto a Inglaterra conquistava o Canadá e a grande colônia americana que constitui hoje parte dos Estados Unidos.

A França conquistou parte do Canadá que perdeu mais tarde em favor da Inglaterra.

A mesma França ajudou a independência da colônia americana. Os espanhóis conquistaram parte dos actuais Estados Unidos, o México e toda América latina. A África foi conquistada por Portugal, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália.

Entre 1400 e 1885 milhões de negros foram levados de África como escravos para a colônia americana da Grã-Bretanha e para o Brasil.

Os povos aborígenes das Américas de milhões que foram reduzidos pela ocupação europeia a escassos milhares, populações essas que ocuparam os seus territórios.

Em 1885 houve a conferência de Berlim e a partilha de África. Esta ficou dividida em colônias atribuídas à Inglaterra, França, Espanha, Bélgica, Holanda, Alemanha e Portugal.

De 1939 a 1945 ocorreu a segunda guerra mundial.

A Alemanha dirigida por Hitler invadiu a França, Bélgica, Holanda etc. que ocupou. Vencida a França esta assinou a paz a 17 de Junho de 1940.

Charles de Gaulle o mais jovem general francês não conformado com isso em 18 de Junho de 1940 apelou aos franceses de todo o mundo para lhe ajudarem a restabelecer a libertação do seu país.

Prossegue a guerra e em 1945 a Alemanha é derrotada pelos aliados. Entretanto por esses anos em Londres destacava-se um estudante negro nascido na Costa do Ouro chamado Kwame Nkrumah que reivindicava a independência do seu país. Consegue participar na conferência de Bandung em 1949, com Gamal el Nasser Presidente do Egipto, em representação de África, Neruh Primeiro-ministro da União Indiana, Chu-en-Lai em representação da China comunista e Sukarno Presidente da Indonésia.

Essa conferência fora convocada para estudar que apoio os quatro países já independentes poderiam dar para a independência das colônias europeias existentes na Ásia e na África.

Grassava já a revolta dos Mau Mau no Quênia sob a liderança de Jomo Kenyatta e foi a partir daí que gradualmente os colônias foram-se tornando independentes. Primeiro o Gana em 1958, seguiram-se-lhe as restantes colônias inglesas, em 1960 as colônias francesas, o Congo Belga em 30 de Junho de 1960 e as colônias portuguesas só em 1975 com a derrota dos portugueses na Guiné e Moçambique.

Hoje 18 de Junho de 2010 que balanço podemos fazer desses 600 anos? Pilhagem desenfreada, humilhações, escravização e sofrimento. Após 50 anos de independência

melhoraram as coisas para os africanos? Não. A nós os santomenses e os restantes colonizados de Portugal nestes 35 anos acontece-nos o mesmo. Continuamos desapossados das nossas riquezas e ludibriados pelos nossos colonizadores, que sob a capa de amigos continuam a utilizar todos os meios a seu alcance para espoliar-nos. As Nações Unidas e as suas agências Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial utilizam todos os meios incluindo a corrupção e se necessário a guerra para desapossar-nos dos nossos bens e da nossa liberdade para continuar o seu caminho.

A França convocou há dias o seu 25<sup>o</sup> encontro França – África. Do primeiro ao vigésimo quarto os franceses convocaram apenas os seus parceiros, países francófonos hoje independentes. Neste último o vigésimo quinto estendeu o seu convite à Nigéria e à África do Sul, países que integravam as colónias inglesas. Os tempos são outros. A França e os outros países europeus vêm - se confrontados com a concorrência dos países emergentes, Índia, China, Brasil sem contar com os pequenos países asiáticos, pelas riquezas de África.

A Europa e os Estados Unidos da América sabem que vai travar-se uma luta de morte pelas riquezas fabulosas minerais de África.

Que devem os africanos fazer em meu entender? Há várias opções:

1. Continuar como até aqui com as antigas potências colonizadoras.
2. Optar pelos países emergentes e poder ter um futuro imprevisível.
3. Procurar seguir os sete pequenos países da Ásia, conhecidos como os sete tigres.

Estes sete países, Singapura, China Taiwan, Birmânia, etc. decidem tomar nas suas mãos os seus destinos, utilizando em grande medida os seus próprios meios sem apoio do FMI, BM, potências ocidentais, apenas sob a chefia de líderes patriotas, amigos do seu povo e devotados ao seu país, conseguiram transformar países pobres e subdesenvolvidos em países hoje considerados desenvolvidos com um rendimento per capita superior ao de alguns países da Europa como Portugal e outros. Como o fizeram?

Fizeram-no desenvolvendo o sector privado nacional dos seus países.

O desenvolvimento, do sector privado nacional. de um país é a condição sine qua non, imprescindível.

Os nossos governantes dizem todos os dias que S. Tomé é pobre. Mentira pura, leiam a minha nota n.º 30; o que eles querem é entregar o país de mão beijada e receberem uns trocos.

Vejam o caso em África do Ruanda e do Botsuana. Nós os santomenses somos um povo privilegiado.

Quanto ao petróleo e em relação à nossa população segundo as previsões que normalmente não falham somos, proporcionalmente, tomando em conta a nossa população mais ricos que a Líbia que é o país africano com maior reserva; mais ricos que a Nigéria que é o segundo país mais rico em reservas e de longe mais rico que Angola e atrevo-me mesmo a dizer mais ricos que o Brasil que festejou o seu pré-sal.

Quanto ao porto de águas profundas de que muito se fala, todos os governantes que temos ouvido, dizem que não temos dinheiro, que vamos entregá-lo à exploração estrangeira. Como eu já tive ocasião de dizer numa das minhas notas anteriores, o porto de águas profundas é uma mina de ouro. Ele só por si era capaz de nos proporcionar uma vida excelente tal como o de Singapura proporciona aos singapurenses.

Dizem por aí que não há dinheiro para o viabilizar. É mentira. Se negociarmos com a China Taiwan ou com a União Indiana, os sete poços que nos restam da ZEE eles não só nos darão emprestados os quinhentos milhões para pô-lo em funcionamento, preparando o pessoal técnico superior, os quadros necessários para isso, como ainda nos agradecerão.

Temos a pesca muito rica que bem negociada em novos moldes nos permitiria obter novos recursos. Por que não negociar neste sentido com Cabo Verde? Temos o turismo que pode proporcionar uma grande riqueza ao país. Preparemos gente. Não entreguemos de mão beijada aos estrangeiros. Sejamos nós a explorá-lo.

Antes de mais o que precisamos é de estudar a situação e preparar os quadros técnicos necessários. Admitamos que os santomenses querem eles próprios explorar todas as suas possibilidades económicas que o país lhes oferece. Que deverão fazer? Vamos constituir uma empresa designada 3Gs Companhia Geral do Golfo da Guiné, com um capital de dez ou vinte milhões de Euros? Leiam por favor as minhas notas 1 e 2 e para melhor esclarecimento a nota n.º 49.

Como fazê-lo? Cada um de vós com os dados constantes das notas 1 e 2 atrás referidas, deve pensar na maneira de conseguirmos dinheiro. Eu digo de mim para mim: tantos licenciados, tantos mestres, tantos professores ponham a trabalhar as vossas mentes de modo a sugerir como fazê-lo. Será uma contribuição vossa muito útil para o nosso país. Desafio sobretudo os dois companheiros meus de estudos em 1988- 1989, Drs. Afonso Varela e António Viegas que estão muito inchados e têm muita presunção, que agora deviam provar o que eles pensam de si próprios. Apresentarei e na minha nota n.º 57 a maneira fácil de como fazê-lo: arranjar dinheiro para constituir uma empresa, se todos nós o quisermos para proveito de todos os santomenses.

Agora vou explicar o quadro que vai como anexo a esta nota. Temos uma folha de papel repartida ao meio no sentido do seu maior comprimento. Do lado esquerdo da folha ficam todas as empresas estrangeiras ou predominantemente estrangeiras e mesmo inexistentes. Do lado direito temos as possíveis afilhadas das 3 Gs, também ainda não criadas.

A folha está subdividida em quatro quadros. O primeiro corresponde aos Bancos, o segundo à empresa seguradora, o terceiro ao porto de águas profundas e por último a vantagem de formação de dois mil estudantes, que passo para quatro mil porque me disseram que no Brasil um estudante pode manter-se com 500 USD. Mas como eu sou bom rapaz elevo essa bolsa para 1000 USD por mês.

Não temos possibilidade? Temo-la. Quanto custará a formação de quatro mil técnicos? Uma ninharia. Onde ir buscar esse dinheiro? Também temos a Lei -Quadro de petróleo conjugada com a lei das receitas petrolíferas, nos seus artigos 56, 57 e 58 e um artigo da lei das receitas petrolíferas diplomas que recomendo vivamente que leiam, falam na formação de quadros financiada pelas empresas adjudicatárias dos blocos petrolíferos.

Porque não aproveitá-la assim como a preferência dada às empresas santomenses nos concursos para fornecimento de materiais e equipamentos?

Chamo vivamente a vossa atenção para dois pontos que nós devemos considerar ao avaliar comparativamente a empresa estrangeira com a empresa nacional.

As empresas europeias e americanas preocupam-se em levar para os seus países, todo o lucro possível, pagam a cada um dos seus técnicos duzentas a trezentas vezes mais do que aos nossos trabalhadores, dinheiro que também levam e procuram fazer o máximo para não recrutar quadros nacionais daí que nos seus projectos de desenvolvimento, mesmo quando preparados e financiados pelo BM e o FMI não prevejam a formação de quadros nacionais; isso não lhes convêm. Daí que negligenciem propositadamente este facto e que é fundamental a capacitação do homem. Nenhum país do mundo consegue desenvolver-se sem preparar os seus quadros e tê-los em número suficiente e diversificado.

Comecemos portanto a analisar os quadros.

No primeiro temos seis bancos à esquerda contra um santomense denominado Banco Comercial de S. Tomé e Príncipe.

Os seis bancos têm lucro de catorze milhões e os juros cobrados sobre os empréstimos são de 15%. Aliás disseram-me posteriormente que são na realidade de 25%. Mas, isso não importa agora. O Banco de Comércio de S. Tomé e Príncipe ganhou dez milhões de lucro. Qual é a diferença nos dois casos? Os bancos estrangeiros são mais lucrativos que o Banco Comercial de S. Tomé e Príncipe. Este facto é importante? Pelo contrário. É muito mau.

Significa simplesmente que os clientes do Banco Comercial de S. Tomé e Príncipe ficaram com quatro milhões nos seus bolsos, pois pagaram a menos essa importância, ao passo que cobrando apenas dez milhões, o Banco Comercial de S. Tomé e Príncipe que é só de santomenses poderá distribuir os dez milhões dos seus lucros pelos santomenses. Vocês podem-me dizer quanto ficará em S. Tomé dos catorze milhões arrecadados se eles têm como propósito transferir para os seus países tudo quanto ganham no estrangeiro?

Imaginem dez anos de actividade. Quanto dinheiro ficaria em S. Tomé? O que poderíamos fazer com esse dinheiro? Não estão a ver como vale a pena ter um banco nosso? Noutro dia quando falei nisto a alguém, essa pessoa disse-me que já existiam bancos estrangeiros em S. Tomé. Que me importa a mim? Eles não têm os seus países? Eles estão em S. Tomé à espera de obter de governantes corruptos e não patriotas a gestão dos nossos fundos de petróleo e as operações de pagamentos e recebimentos, dinheiros que eles gerirão a seu bel prazer ganhando milhões. Vocês acham que devemos permitir isso?

Passemos ao segundo quadro. Chegamos às empresas de seguros.

As empresas seguradoras neste caso como vêm, são uma mina de ouro, daí a urgência com que se deva promulgar como diz o artigo n.º 58 da Lei - Quadro, dando preferência ao seguro de toda a indústria petrolífera a uma empresa santomense na condição obrigatória de todos os bens segurados serem ressegurados na Lloyd's ou outras similares no Brasil, Japão, China Taiwan ou Índia, empresas que pela sua envergadura possam garantir em casos similares ao do Golfo do México, pois que as empresas americanas ou

quaisquer outras que operem nos nossos países se estariam marimbando tal como acontece na Nigéria actualmente e ninguém fala nisso.

Analisemos então o quadro: estabelecemos como prémio 1% para um montante segurado de 15 biliões. O valor do material não importa neste momento. Pode ser maior ou menor. O que neste caso interessa é a percentagem que consideramos 1% - eu sei que é ridículo este valor mas fi-lo propositadamente para chamar à vossa atenção.

Mostrem-me uma única empresa europeia ou americana que não aproveitaria desta ocasião por interesse próprio ou em conluio com a empresa adjudicatária meter a mão no bolso dos santomenses. E estes o que é que poderiam fazer? Nada, nada. Assim vale a pena legislar dando preferência a uma empresa santomense, em vez de termos um rendimento de setenta milhões poderíamos ter setecentos e cinquenta. É totalmente indiferente pois esse dinheiro ficaria na mão do Estado ou na dos Santomenses.

Vamos ao terceiro quadro. Agora estamos a tratar do porto de águas profundas. Em Março salvo erro um especialista singapurense esteve em S. Tomé proferiu uma conferência e falou sobre o desenvolvimento do seu país nos últimos trinta anos. Certamente que os nossos dirigentes podem não saber francês pois a conferência foi proferida nessa língua. Para poupar trabalho aos santomenses me dei ao trabalho, com ajuda de alguém de traduzi-la. Achei que pela sua importância ela devia ser do conhecimento de todos santomenses. Nota n.º30 atrás referida.

Singapura com um porto e mais nada, habitada por modestos pescadores com um rendimento anual de 500 USD passaram em trinta anos para um rendimento de 35.000 USD, setenta vezes mais. Não precisaram nem do país colonizador, nem do Banco Mundial, nem do FMI (Fundo Monetário Internacional) e foram eles próprios gradualmente é que constituíram a nação desenvolvida que são hoje. Será que os nossos governantes sentem-se tão inferiores que não poderão fazer o mesmo? Tenho-me referido com frequência aos sete tigres da Ásia. Esses licenciados todos que andam por aí não aprenderam isso? Então voltem para as universidades e peçam aos vossos professores que vos ensinem. Levem os vossos diplomas para a casa de banho.

Na explicação do quadro seguinte verão que num só ano com o rendimento das poupanças resultantes do diferencial da aplicação de quadros nacionais poderemos financiar cinco portos de águas profundas.

Não me façam duvidar da vossa inteligência.

Chegamos ao último quadro; ao da formação.

Como eu me referi atrás o custo da formação de um indivíduo no Brasil e nos Estados de Minas Gerais é de 500 USD.

Se multiplicarmos  $4.000 \times 1000 \times 72$  meses temos duzentos e oitenta e oito milhões de dólares. Isto quer dizer que o valor consignado no quadro dá para formar quatro mil e não dois mil estudantes. Por que não fazê-lo? Negoceiem esse financiamento com a União Indiana, ou com a China Taiwan que eles ainda até nos agradecem.

Por que é que os membros dos partidos não lêem com atenção estas notas? Eu estou convencido que aprenderiam alguma coisa. Meus caros! Um velho tem os seus direitos e eu acho que posso dizer o que eu entender ser melhor para S. Tomé e Príncipe.

Exemplos da conveniência da criação  
De uma empresa privada Nacional

<p>6 bancos de S.Tomé e Príncipe (BISTP; Equador, etc).</p> <p>Capital (Estrangeiro, ou misto)</p> <p>Lucro obtido em 2009      4.000.000</p> <p>Taxa de juro 15%</p> <p>Todo o lucro apurado nestes seis bancos ou grande parte dele é transferido para o exterior.</p>	<p>Banco de Comércio de STP</p> <p>Capital só de São-tomenses</p> <p>Lucro obtido em 2009    10.000.000</p> <p>Taxa de juro 6%</p> <p>Obs:Todas as operações sobre petróleo serão feitas neste banco. O Fundo do petróleo será nele exclusivamente depositado. Daí que podemos considerar, admitamos 5% desse valor anualmente como retribuição do banco pela utilização desse valor, que pode atingir biliões. Assim o banco trabalharia com biliões Há apenas que ter muita cautela com a gerência desse dinheiro</p>
<p>Companhia de Seguros Camaronesa</p> <p>Capital                      10.000.000</p> <p>Prémio de seguro          5 % não pode segurar nenhuma actividade ligada ao petróleo. É actividade reservada a uma empresa são-tomense</p>	<p>Companhia de seguros A Seguradora</p> <p>Capital                      10.000.000</p> <p>Prémio de Seguro 3% com o monopólio de segurar toda a indústria petrolífera, avaliada em 5.000.000.000 de Euros</p> <p><math>3\% * 5.000.000.000 = 150.000.000</math></p> <p>Resseguro <math>1,5\% * 5.000.000.000 =</math></p> <p>Menos 75.000.000</p> <p>Lucro provável 75.000.000 Basta fazer um decreto</p>

<p>Porto de Águas profundas (financiamento estrangeiro)</p> <p>Salário do pessoal estrangeiro 100 técnicos a 60.000 USD/mensais 6.000.000USD 6.000.000*12= 72.000.000 15.000estivadores*300USD*12 meses= 54.000.000 USD Impostos e outras despesas 20.000.000 USD Lucro dos financiadores 146.000.000 USD Total 292.000.000 USD Ficam em S.Tomé 20.000.000 de impostos e outras despesas e o salário dos estivadores de 54.000.000 O resto, 222.000.000 é expatriada anualmente.</p>	<p>Porto de Águas Profundas</p> <p>Não convém ao país tal investimento. Aguardemos, 5, 10 anos se necessário, que tenhamos dinheiro e formemos os 100 técnicos. É mais do interesse deles do que nosso.</p>
<p>Utilização de quadros estrangeiros: 2000 técnicos superiores</p> <p>Formação NADA</p> <p>Salário:2.000*60.000*12=1.440.000.000 USD</p> <p>Grande parte desse dinheiro ou quase a totalidade seria transferida para o exterior.</p>	<p>Formação de 2.000 técnicos superiores. Seu custo</p> <p>Formação de 2.000 bolseiros* 72 meses*2.000USD/mensais=288.000.000 2.000*12*3.000USD= 72.000.000USD</p> <p>Obs: O dinheiro que ficaria no país nesta hipótese corresponderia a 1.440.000.000USD menos 72.000.000=1.368.000.000 UDS.É dinheiro que o país pouparia anualmente se gastasse 288.000.000 de dólares em seis anos para formar 2.000 técnicos dinheiro que nem sequer teria de desembolsar já, pois que as empresas adjudicatárias dos blocos poderiam fazer o financiamento.</p>